

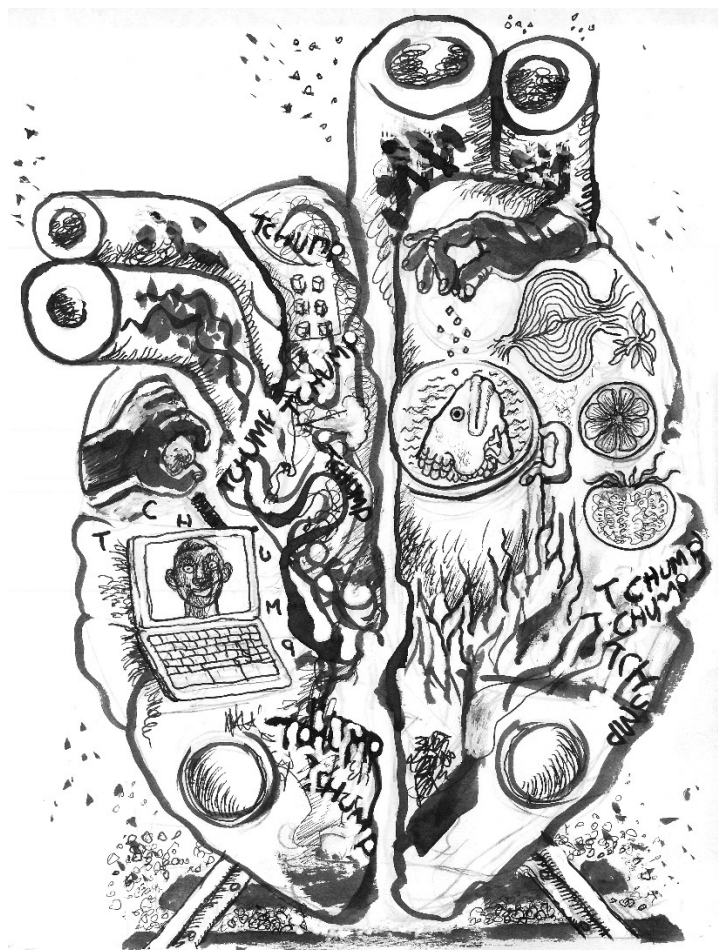
SABES DIZER-ME ONDE COMEÇA O CORAÇÃO?

Há perguntas que não podem ser feitas. Perguntas que não podem ser respondidas. Na sala cheia de luz, em frente à janela, sentados num sofá, cada um dos três precisou do seu silêncio, um silêncio erguido até no meio das palavras ditas a custo, arrancadas ao embaraço e ao pudor, um silêncio a proteger não apenas as cicatrizes escondidas, mas tudo o que vem atrás, as memórias demasiado dolorosas, as incertezas, os medos, tanta coisa que não pode ser compreendida por quem ignora onde começa o coração.

Uma ilha no arquipélago de Bijagós. Um barco aproxima-se da costa, respirações expectantes à flor das águas, sacos de arroz, o bafo de um porco. Não é o fim do mundo, mas quase. Natureza em estado bruto, muito mar à volta, cheio de peixe que os homens pescam e as mulheres cozinham. Na ilha não há automóveis nem estradas, só bicicletas e caminhos de terra, nuvens de poeira. Na ilha há seis irmãos, filhos de pai e mãe a trabalhar no campo. Aos sete anos, um dos rapazes começa a sentir-se mal. Dores no peito, cansaço, às vezes os pés muito inchados. No posto de saúde, um único diagnóstico: paludismo. A mãe farta-se, pega no filho e leva-o para Bissau, onde lhe fazem o primeiro raio X e nascem as suspeitas de doença grave. Salto no tempo: depois de uma primeira estadia em Lisboa, durante a qual lhe instalaram uma válvula biológica, regressa a Lisboa em Fevereiro de 2020, mesmo no começo da pandemia, para lhe colocarem uma artificial. Aluno aplicado, tem aulas à distância, no computador que fica num recanto da enfermaria, na casa de acolhimento. Houve uma altura em que Manecas respondia «professor», quando lhe perguntavam pela profissão futura. Agora, depois de tantas passagens por hospitais, sonha ser médico, talvez para tratar crianças guineenses, sem que elas precisem de viajar milhares de quilómetros para escapar aos diagnósticos potencialmente fatais.

À noite, os corações nesta casa fazem barulho, ouvem-se fora do corpo, *tchump tchump*, um som mecânico de válvula artificial, quem estiver acordado sentirá a vibração desta música estranha, *tchump tchump, tchump tchump*, os donos dos corações dormem e em volta deles uma espécie de concerto, *tchump tchump, tchump tchump, tchump tchump*, inusitada orquestra na escuridão, *tchump tchump, tchump tchump, tchump tchump, tchump tchump*.

Não um, não dois, mas três AVCs. Um rapazinho traído pelo seu sistema circulatório. Aos 12 anos, o início de um tormento que ainda não chegou ao fim, embora esteja para breve. Houve momentos em que deixou de falar, houve momentos em que deixou de andar, houve momentos em que os médicos abdicaram de qualquer esperança. Em 2019, operaram-no ao cérebro, abrindo a calota craniana. Em 2020, passou por Alcoitão e recuperou muito mais do que seria previsível. Em 2021, é quase autónomo, conversa, interage, vibra com os jogos do Futebol Clube do Porto. Ao seu lado, alguém lhe diz que um dia vai ser maquinista de comboio. Ele ri-se, diz que não, abana a cabeça atrás da viseira anti-Covid, mas os olhos dizem que sim, vejam bem, lá vai o Félix a dirigir a locomotiva, de Lisboa a Bissau, a mil à hora, finalmente de regresso a casa.



Um coração é uma coisa tão maravilhosa que parece impossível. Aurículas, ventrículos, endocárdio, miocárdio, epicárdio, pericárdio, veias que entram, artérias que saem, o sangue a circular, sempre, sempre, sempre, por causa deste músculo pujante, desta bomba hidráulica viva, deste milagre da anatomia. As pessoas saudáveis não precisam de pensar nele, está ali e basta, faz o seu trabalho e basta, é como um motor sempre ligado e nas rotações certas. As pessoas saudáveis não precisam de saber onde começa ou onde acaba o coração. Mas o Manecas sabe. O Félix sabe. A Suncar sabe.

Devia existir uma palavra para descrever a timidez de Suncar. Não é uma timidez habitual; é uma timidez só dela. Uma timidez de mãos a esconder o rosto, olhos espreitando entre os dedos, cabeça muito inclinada para o lado ou para baixo. Quando ouve palavras que lhe são dirigidas, encolhe-se como uma anémone. Não vale a pena insistir. As perguntas fazem ricochete nas paredes da sala, ficam caídas no chão ao fim de uns segundos. Aos poucos, porém, enquanto falo com os outros dois no sofá, a concha abre-se. Afloram as saudades da mãe, vislumbres da infância (a alegria de brincar à apanhada), lágrimas quando recorda a irmã mais nova de quem tratava e que morreu. Fala-se em *caldo branco* e ela explica que sabe cozinhar o petisco: peixe, tomate, cebola, limão e um bocadinho «assim» de sal (a ponta do indicador quase a tocar a ponta do polegar). Quando a doença está sempre presente, o futuro é uma ideia abstracta, mas a rapariga que gosta de fazer desenhos e colorir coelhos da Páscoa diz que um dia haverá de «ajudar pessoas», como ela própria foi ajudada. Talvez existam, afinal, corações sem princípio nem fim.

**José Mário Silva com Félix Manuel (18 anos), Suncar Camará (15 anos)
e Manecas Maurício (20 anos), na Casa Damião.
Ilustração de José Smith Vargas.**